

VILA COUNTRY

No palco do Vila Country

Por Flávio Bonanome
Fotos Bruno Santos

Completando 10 anos de existência, o Vila Country, em São Paulo, chega uma idade que poucas casas noturnas costumam atingir. O segredo da longevidade: A mistura de um espaço totalmente dedicado à música sertaneja aliada à explosão do gênero musical nos últimos anos e investimento técnico para criar um verdadeiro espaço de grandes shows.



Corredor da Francisco Matarazzo, 22h. À despeito do horário já tardio, o trânsito na avenida que liga o centro à zona oeste da maior cidade do país se arrasta. Dezenas de veículos espremem-se disputando espaço em algum dos estacionamentos ao longo da via. Quem também se aperta brigando por espaço é uma multidão de jovens que formam uma fila descomunal na calçada. Chapéus de boiadeiro, calças jeans, e coletes de couro marcam a vestimenta à caráter da animada turba que, combinado com o cenário providenciado pela arquitetura da monumental casa de shows ao fundo, cria um ambiente extremamente característico. Tudo ao melhor estilo western. Um transeunte desavisado poderia assustar-se com tamanho movimento, afinal, ainda é quinta-feira, mas, para o Vila Country, o fim de semana está apenas começando.

Para quem costuma transitar pelas imediações da Pompéia, em São Paulo, esta cena já é bastante comum. Já há dez anos, de quinta à domingo, o Vila Country atrai multidões de apreciadores da música sertaneja. De acordo com os proprietários,

a casa noturna chega a atrair duas mil pessoas nos dias mais fracos e até quatro mil com a casa cheia. Um número extremamente alto para uma casa que já está na noite paulistana há mais de uma década, onde o tempo médio de vida das boates é de dois anos.

Deixando de lado a evidente competência dos proprietários da casa em aproveitar a chance, pode-se dizer que o grande sucesso da casa se deve à oportunidade. Com o estouro das duplas do chamado “sertanejo universitário”, em 2003, o gênero mãe do Vila Country passou a crescer vertiginosamente, chegando a 2011 com cerca de 40% do mercado musical, segundo o Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição), órgão responsável pelo registro dos negócios de direitos autorais.

Com esta verdadeira epidemia de sucessos, aos poucos o Vila Country foi deixando de ser somente uma casa noturna voltada para quem gostava da música “country” e foi aos poucos se tornando um espaço gigantesco dedicado também às grandes duplas. Junto com a ideia veio o investimento, visando constituir, mais do que uma “balada”, uma

verdadeira casa de shows.

COMPETÊNCIA TÉCNICA

Uma década depois da primeira guinada de sucesso, a famosa casa começa uma verdadeira remodelação técnica. O primeiro passo foi a escolha de um novo sistema de áudio para acomodar as necessidades das duplas. “Costumávamos trabalhar com um equipamento simples. Foi então que começou a acontecer de o pessoal técnico de algumas bandas começar a reclamar que os sistemas não eram compatíveis com o porte e renome da casa”, conta Antônio Edilson Ferreira, o Ceará, proprietário da CSM Sonorização. A empresa de Ferreira é a responsável por todo o projeto de som, além de locação dos equipamentos da casa desde sua fundação, de forma que foi natural que as reclamações constantes dos técnicos chegassem até ele. “Foi então que os donos da casa me chamaram para conversar e perguntaram a possibilidade de modificar o material, colocar equipamentos de primeira. Foi uma demanda que surgiu desta forma”, explica. Aproveitando a solicitação dos proprietários, Ferreira tomou pra si a liberdade de constituir um novo proje-



O Vila Country, em São Paulo, chega ao décimo ano de "vida" em um cenário aonde a maioria das casas não passa do segundo...

to com material topo de linha, digno de um show de grande porte. "Já tínhamos uma grande parceria com a Vitória Som, e aproveitando o trabalho que eles estavam realizando com a Norton Áudio, decidi que ia experimentar os equipamentos da marca".

Para o primeiro estágio da modificação, a CSM Sonorização instalou nove elementos do sistema de line source array LS3 com mais 12 subwoofers no ambiente conhecido como "Saloon" que abriga alguns dos shows que acontecem na casa. "Eu já tinha visto o produto funcionando, mas ainda não havia trabalhado com o Norton, não tinha sentido o material e acredito que a resposta foi até melhor do que eu pensava. A impressão que tenho é que trata-se de um produto de altíssima qualidade", explica Ferreira.

Com o investimento feito, a estreia do sistema acabou ficando por conta da dupla "Fernando e Sorocaba", em um show para a casa cheia. "Os

técnicos deles saíram da house mix maravilhados", gaba-se Ferreira. O fato é que com a nova instalação, o Vila Country equipara-se às grandes casas de shows do país.

ERRANDO POR MAIS

"Me falaram que eu sou exagerado", brinca Antônio Ferreira. De fato, qualquer profissional que adentrar ao "saloon" da casa noturna e observar as 18 unidades de reforço sonoro apontadas para o espaço mediano dedicado à plateia, vai ter a certeza de que há muito mais capacidade sonora do que o necessário. Apesar disso, o proprietário da CSM acredita que uma instalação como esta exige um set super dimensionado. "Eu queria que o som fosse de qualidade sem precisar agredir o ouvido dos frequentadores, então decidi por instalar uma quantidade maior do que a necessária, como se eu estivesse sonorizando um espaço aberto", conta.



...isso graças à "febre sertaneja" que tomou o cenário musical brasileiro desde 2003 e, claro, a competência dos proprietários em investir em um espaço diferenciado

Quer comandar um estúdio ou palco usando apenas 1 equipamento?



Summit
Mixer Digital

Use o QR Code para saber mais!



PHONIC
www.equipo.com.br/phonic

Linhas, fontes e pontos de som

Por Antonio Gil

Um dos temas incontornáveis no meio do áudio profissional é o dos sistemas de line array que se tornaram num standard para som ao vivo, tanto nas grandes como nas menores aplicações. Redefinindo o conceito por trás destas fontes de reforço de som, a portuguesa Norton Áudio coloca o LS3 em destaque entre a vasta oferta de sistemas disponíveis.

Não seria possível falar de um sistema como o LS3 sem primeiro explicar um pouco a noção de Line Source e a ideia do que é um sistema de Line Array. A noção de um 'bom som' reside em dois pressupostos básicos: boa definição do áudio percebido e a cobertura correta em todas as frequências, o mais consistentemente possível, em todo o espaço físico onde esse som é colocado. Para estas situações funcionarem, é necessário que três outros pressupostos estejam também presentes: que o efeito resultante do conjunto de vários alto-falantes, debitando numa grande largura de frequências, não crie o chamado efeito de filtro de pente (comb-filtering), que a zona a cobrir seja feita de igual modo em todos os espaços e com uma utilização mais eficiente do uso da potência. Para cobrir zonas de largas audiências é necessário que o SPL seja elevado, necessitando de vários alto-falantes. Os sistemas tradicionais projetam uma frente de onda teoricamente esférica, que se expande tanto no plano horizontal como vertical. O cerne da questão é que o nível de pressão sonora obedece à lei inversa da raiz quadrada, indicando que o SPL diminui 6 dB para cada vez que se dobra a distância. Isso obriga que um sistema, para ter uma pressão sonora ideal à distância, tenha que ter uma pressão muito alta na área onde os alto-falantes/caixas estejam colocados. A solução, embora já fosse conhecida e descrita por Harry Olson, um dos pioneiros dos sistemas de line source, é a de criar uma fonte sonora virtualmente única. Por definição, assim seriam eliminadas zonas de sobreposição de padrões polares (tanto verticais como horizontais), cancelamentos de fase vindos de fontes sonoras (alto-falantes/caixas) adjacentes, etc. Esta é a teoria base (e simplificada) do line source.

Um line array será, por sua vez, é um conjunto de fontes sonoras únicas, montadas (arrayed) com uma separação regular entre essas mesmas fontes, em um plano ou numa forma curvilínea, de modo a que a resultante seja percebida como uma fonte sonora única. No entanto, e para que este conceito seja aproveitável, é necessário que outras duas situações estejam previstas e sejam seguidas: que a separação entre as fontes seja menor que metade do comprimento de onda do conjunto de todas as frequências percebidas, e que a frente de onda gerada pelas fontes individuais no total da sua combinação cubra, pelo menos, 80% da área que é necessário cobrir.

Quando esta situação foi conseguida, deu-se a 'ex-

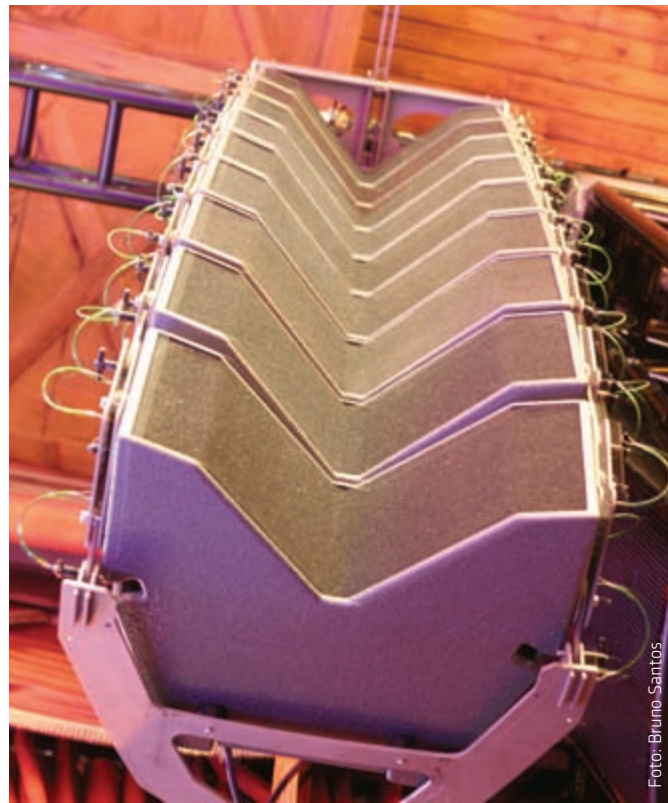


Foto: Bruno Santos

plosão' dos sistemas de line array. Mas, se as dimensões físicas dos alto-falantes de graves e médios permitiam que se conseguissem grandes pressões acústicas, com as frequências mais altas isto foi extremamente difícil de conseguir. A solução foram os guias de onda que, além de ajudar nesta situação, vieram também solucionar um outro problema, que era o da dispersão/diretividade destas frequências. Resumidamente, pode-se dizer que a dispersão das frequências mais graves, apesar de ser menos controlada não é muito problemática, pois possuem um comprimento de onda maior. Outro fator que colabora é o fato destes tipos de frequências serem percebidas não só pelo ouvido como também geram vibrações sentidas no corpo. No entanto as frequências mais altas têm um comprimento de onda muito mais curto, de forma que também são percebidas de uma maneira muito diferente, ao mesmo tempo que também são identificadas pelo ouvido em relação ao seu posicionamento espacial. Isto faz com que, se no caso dos graves o seu posicionamento espacial não seja tão problemático, em relação aos agudos, o local de onde derivam torna-se crucial para reconhecimento auditivo/visual. Os guias de onda vieram ajudar a direcionar estas frequências, tanto espacialmente como temporalmente, colocando-as a soar ao mesmo tempo que as graves e resolvendo problemas do desfasamento associado a este tipo de situação. O resultado final é de que um sistema de line array é um conjunto de line sources, montados de forma a soarem com uma fonte única, em todo o espectro sonoro.

IMPRESSÕES

Depois de termos ouvido diversos sistemas ao longo de algum tempo, a sensação com que se fica é a de que cada vez mais todos tendem no mesmo sentido, ou seja, uma maior e melhor perceptibilidade

sonora, com um SPL o mais constante possível e coerente em fase, e com uma diminuição do tamanho físico das caixas. Este é o caso do sistema da Norton LS3, com caixas de tamanho diminuído, mas que geram uma boa qualidade de programa sonoro.

O LS3 é um Line-Source-Array de curvatura variável, no qual a rotação entre caixas varia de 0° a 10°, com resolução de 1°. A caixa é construída em contraplacado de 15 mm, com pintura em resina de poliéster de 2 componentes, de cor cinzento-metalizado, com uma grelha frontal em aço-inox de 3 mm com filtro anti-poeiras, e inclui um sistema de rigging próprio, também em aço-inox.

Os alto-falantes de médio-graves são dois, de 8", com níveis de SPL de 100 dB, e potência de 500 W a 8 Ohm. Para os agudos é usado um motor de compressão de 1,5", com 110 dB de SPL, potência de 120 W a 16 Ohm, com guia de onda iso-phase de progressão elíptica. Este guia de onda foi desenvolvido pela Norton e tem por base uma progressão de elipses de precisão geométrica e matemática, que permite ao sistema todo ter uma acústica coerente.

Por conta disso, o LS3, ao contrário dos primeiros sistemas line source

da L'Acoustics, tem uma configuração simétrica no eixo de saída dos agudos, com os dois alto-falantes de 8" instalados nas paredes do guia de ondas. O sinal emitido por estes acopla-se de forma coerente, comportando-se como se fossem apenas um alto-falante situado virtualmente entre os dois. Posicionando a saída dos agudos em coincidência com o alto-falante virtual, as altas frequências são coerentes com as baixas frequências geradas pelos dois sistemas laterais.

Isto permite que o som gerado pelo sistema Norton LS3 reproduza como se a origem acústica fosse um único ponto emitindo uma frente de onda coerente em todas as frequências e em todas as direções. A capacidade de projetar o som diretamente na audiência, sem reflexões, permite uma excelente clareza, inteligibilidade e localização espacial. Paralelamente conserva a energia lateral com uma larga dispersão horizontal, permitindo uma imagem estéreo uniforme. A cobertura é consistente, com as diferenças de pressão acústica pouco perceptíveis. Cada elemento deste sistema tem um peso de 28 Kg e uma largura de apenas 55 cm, o que possibilita montar um sistema Line Array em condições aparentemente reservadas a sistemas clássicos. As conexões são dois conectores de painel Neutrik NL-4.

O LS3 é um sistema de reforço sonoro bastante versátil, podendo ser utilizado em quase todo o tipo de espetáculos, desde música pop, clássica, teatro, etc. Talvez não seja o mais indicado para situações de rock 'mais pesado', se bem que mesmo neste caso, a pressão sonora que entrega permite perfeitamente trabalhar com este tipo de som. Uma das vantagens que este sistema tem é a assistência e suporte técnico, tanto em território nacional, como no estrangeiro, isto sem falar no fato do preço, que é inferior ao de muitos outros sistemas que são equivalentes em quase tudo, menos no valor.



Começando a renovação nos projetos da casa, os proprietários optaram por instalar um sistema LS3 da Norton Áudio no ambiente conhecido como “saloon”, que abriga parte dos shows da casa, em caráter de experimentação

O que acaba acontecendo é aquilo que muitos técnicos conhecem como “sobra de som”, ou seja, os equipamentos não precisam trabalhar em situações limite para prover boa quantidade sonora. “Destá forma eu nunca vou trabalhar com o equipamento forçado, não vou precisar chegar ao limite, gerando muito menos desgaste”, explica Ferreira. Apesar da margem de segurança, os grandes shows no espaço chegam facilmente aos 110 dB quando a casa está lotada.

PROJETOS FUTUROS

Com a nova disposição do “saloon” colhendo o mais variados tipos de feedbacks positivos, e com a Norton aprovada como referência, os proprietários da casa planejam seguir o projeto de transformação do espaço. A ideia é a remodelagem completa das instalações de som do Vila Country.

Além da monitoração do palco do “saloon” a casa ainda conta com mais seis ambientes entre hall de

entrada, restaurante, um outro espaço aberto para shows, etc. Ao todo, 12 mil metros quadrados para serem sonorizados, e se depender dos responsáveis, tudo em sistemas da Norton Áudio.

“O bom de se trabalhar com a Norton é que o sistema é fechado. Para se ter uma ideia, até o cabeamento do sistema que compramos para o ‘saloon’ veio de fábrica”, conta Antônio Ferreira, exaltando o conceito “plug and play” da marca. “Bastou eu descarregar o material aqui, suspender os PAs, alinhar, aplicar o software para o ambiente e já saiu tocando”.

Com a qualidade das instalações reforçando ainda mais o renome da casa, não é de se espantar que as filas na Avenida Francisco Matarazzo fiquem cada vez maiores, e que a casa dure mais 10 anos, ou, ao menos, enquanto a “febre sertaneja” permitir. **pa**

www.villacountry.com.br

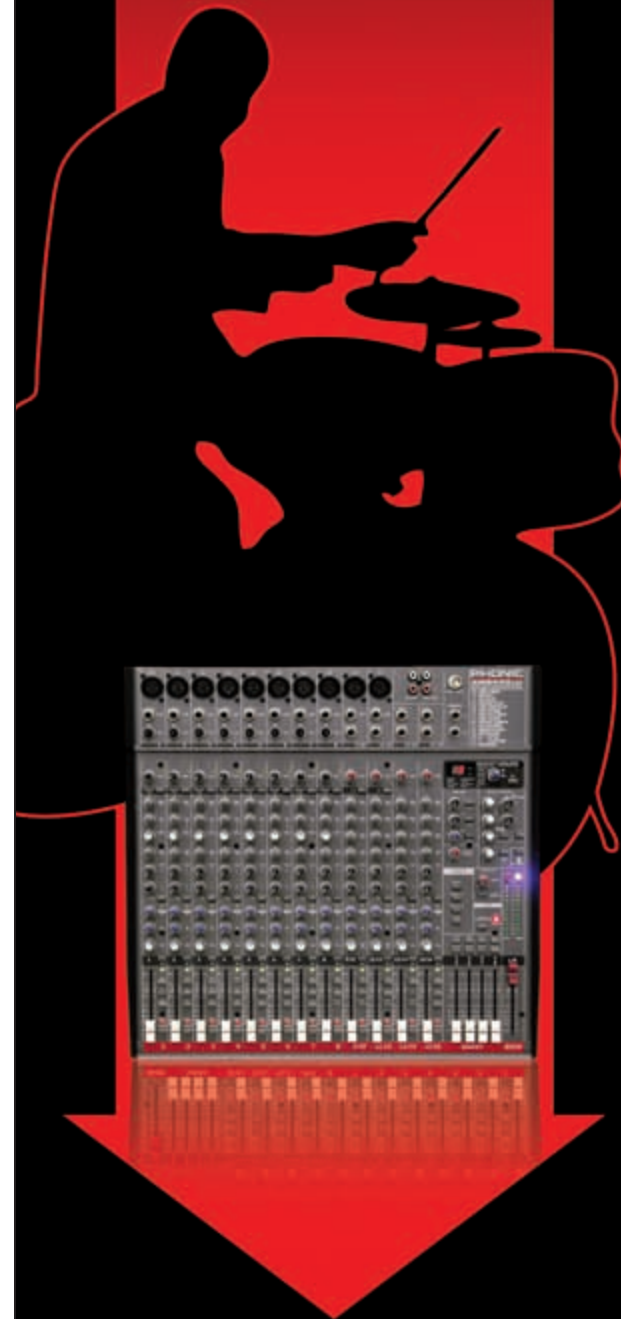
www.nortonaudio.com

Distribuição: www.vitoriasom.com.br



“Me falaram que eu sou exagerado por que decidi instalar uma quantidade de som maior do que a necessária. Acontece que desta forma eu nunca vou precisar trabalhar com o equipamento forçado, não vou precisar chegar ao limite, gerando muito menos desgaste”, afirma Antonio Ferreira, o Ceará, proprietário da CSM Sonorização

Quer gravar bateria com a praticidade da conexão USB?



AM 844D USB

Mixer com Interface USB

Use o QR Code para saber mais!



PHONIC

www.equipo.com.br/phonic